

Teologia e Poesia
em Carlos Drummond
de Andrade

Busca de sentido e razão
de recusa de Deus

Alex Villas Boas



Teologia e Poesia
em Carlos Drummond
de Andrade

Busca de sentido e razão
de recusa de Deus

Alex Villas Boas



Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Avenida de António José de Almeida

1000-042 Lisboa

www.impresanacional.pt

www.incm.pt

www.facebook.com/ImprensaNacional

editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2021 Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Alex Villas Boas

Título: *Teologia e Poesia em Carlos Drummond de Andrade*

Busca de Sentido e Razão de Recusa de Deus

Autor: Alex Villas Boas

Coordenação científica: Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (CITER)
da Universidade Católica Portuguesa (UCP)

Edição: Maria José Grossinho

Revisão: Diogo Silva

Capa: Estúdio João Campos

Paginação: Ana Seromenho

Impressão e acabamento: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Este livro foi composto em caracteres Adobe Caslon Pro para o miolo, Futura BT para os títulos,
e impresso em papel Coral Book Ivory, 90 g

1.ª edição: outubro de 2021

ISBN: 978-972-27-2882-9

Depósito legal: 473 599/20

Edição n.º: 1024427

Índice

- 13 **Siglas utilizadas para a obra de Carlos Drummond de Andrade**
- 15 **Prefácio**
- 19 **Introdução**
- 25 **1. Busca de sentido e natureza poética da espiritualidade não religiosa**
- 28 As propostas de teorização de uma espiritualidade não religiosa
- 30 Espiritualidade e busca de sentido em Viktor Emil Frankl
- 32 Espiritualidade laica em Marià Corbí
- 34 Espiritualidade naturalizada em Robert Solomon
- 36 *Imanensidade* em André Comte-Sponville
- 37 A natureza poética da espiritualidade
- 40 O poeta e o místico: uma leitura a partir de Jean-Paul Sartre
- 49 Conclusão
- 53 **2. Questões metodológicas no diálogo entre teologia e literatura**
- 55 O debate metodológico na primeira fase da teologia e literatura no Brasil
- 57 O método antropológico no diálogo entre teologia e literatura
- 61 Método de correspondência como crítica ao método de aproximação antropológica
- 63 Revisitando o debate
- 66 Influências teológicas no trabalho de Antônio Manzatto
- 76 Conclusão
- 79 **3. A trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade**
- 80 O sentido da vida na poesia de Drummond
- 81 O nascimento de um poeta: início da trajetória biográfica de Drummond (1902-1930)
- 85 Nasce o poeta — início da trajetória bibliográfica

88	Um possível sentido apreendido em seu início de trajeto
89	A poesia irônica de Drummond (1930-1940)
93	O sentido da vida na poesia irônica de Drummond
96	A poesia social de Drummond (1940-1951)
98	O sentido da vida na poesia social de Drummond
102	A poesia metafísica de Drummond (1951-1968)
103	O sentido da vida na poesia metafísica de Drummond
108	Fim da trajetória drummondiana (1968-1987)
109	O sentido da vida pulsante no fim da trajetória
111	Deus e o sentido da vida na poesia de Drummond
119	Conclusão

127 **4. Recuperar a lógica poética da Revelação**

129	Da teodiceia ao <i>homo patiens</i>
142	A teologia protestante liberal e neo-ortodoxa
147	<i>Process theology</i>
148	A teologia ortodoxa de Evdokimov
150	A teologia judaica de Heschel
152	A teologia católica no século xx
158	As teologias do <i>pathos</i>
163	Conclusão

167 **Conclusão geral**

177 **Referências bibliográficas**

185 **Anexo — A obra de Carlos Drummond de Andrade**

187 **Sobre o autor**

Introdução

A proposta deste livro na coleção «Estudos de Religião» pretende colaborar com a reflexão do fenômeno religioso contemporâneo em seu aspecto de linguagem e, mais especificamente, à crítica à linguagem teológica, na medida em que o poeta Carlos Drummond de Andrade, um expressivo autor de língua portuguesa, tem em sua poética uma razão de recusa de Deus, ou, mais propriamente, à crítica ao modelo teológico iminentemente eurocêntrico, e que vigorou até o início da segunda metade do século xx, por ser essa teologia incompatível com a autonomia e busca de sentido do indivíduo contemporâneo, uma questão fundamental na cultura contemporânea, com repercussões interculturais.

A presente obra é fruto de resultados anteriores de investigação, em períodos distintos, que agora os reúne e os realoca para um outro contexto, o do leitor europeu em uma sociedade secularizada, porém com contornos muito precisos no século xxi, que dizem respeito muito mais a uma deslocação da crença com empreendimentos estéticos de seu *habitat* histórico institucional do que a negação de suas reservas simbólicas e de sentido¹, mas que certamente apresenta um desafio contemporâneo à capacidade institucional, não somente religiosa, de ressignificar o acreditável.

A pesquisa sobre Carlos Drummond de Andrade foi a origem deste trabalho, concluída em 2009 e publicada posteriormente no Brasil em 2011, em um trabalho menor que se esgotou. Entretanto, tive a grata experiência de, na ocasião, ser convidado como conferencista para

¹Teixeira, A. «Os índios do interior»: a instituição do crer e a folclorização do religioso segundo Michel de Certeau», in *Didaskalia*, vol. xxxvi, n.º 2. Lisboa, 2006, pp. 165-193.

apresentar as conclusões deste trabalho no mesmo ano, no projeto *Teografias* da Universidade de Aveiro, a convite do Prof. António Manuel Ferreira. Algum tempo depois, em 2014, a convite do agora então Cardeal José Tolentino, retomei essa temática durante uma conferência que proferi na ocasião do lançamento de uma antologia organizada por ele e por Pedro Mexia, intitulada *Verbo — Deus como Interrogação na Poesia Portuguesa*. Precisamente nestes dois contextos, enfatizei o papel de interrogação que a literatura de modo geral e a poesia de modo específico faz em relação à tradição teológica e à cultura religiosa em um momento de mudança de época, como é o que vivemos agora. Fico imensamente feliz que tais diálogos agora se tornem um livro dirigido ao leitor português.

O resultado desta pesquisa foi material de aula nos anos seguintes, em disciplinas de introdução à teologia em cursos de diversas áreas, e especialmente no curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) até 2016, onde as chamadas razões de recusa do poeta eram temas em que não poucos estudantes se identificavam, ainda que a maioria deles tivessem nascido na década em que o poeta faleceu, indicando, com isso, não a crise da autoridade simbólica das tradições religiosas, mas sim uma recusa ao modo como era proposta uma teologia oficial das instituições representativas destas tradições. Foi a partir desse contexto, juntamente com a complexa relação entre saúde e religião e o modo como profissionais de medicina precisam saber lidar com a questão, que desenvolvi a pesquisa sobre espiritualidade não religiosa, a fim de ajudar a pensar para além da tarefa de curar a doença, a pensar a espiritualidade como um cuidado de si, uma tarefa de curar a pessoa, e reconciliá-la com sua história. Questão essa que se revelou particularmente sensível diante do paciente que descobre ter uma doença sem cura e precisa aprender a viver, apesar da doença, no tempo de vida que passar a demandar ser pensado qualitativamente. A última parte diz respeito a uma discussão mais propriamente teológica, oriunda daqueles estudantes que compartilhavam de uma confissão religiosa e que percebiam, com todo esse contexto que começavam a ter contato, da necessidade de uma outra forma de pensar a fé, independentemente de sua religião, e se deparavam, não raro, com a escassez de um espaço em que pudessem acreditar com honestidade intelectual, e pudessem ajudar a pensar que a dúvida é também uma forma de busca, um itinerário espiritual que pretende encontrar luz para si e para melhor servir.

A genealogia do livro não coincide, entretanto, com sua forma de apresentação. O leitor poderá decidir a ordem de leitura que melhor

lhe apraz. Arriscaria a sugerir, contudo, que a primeira parte está destinada a um debate teórico sobre espiritualidade não religiosa. Uma segunda parte pode ser entendida como reservada para o diálogo entre teologia e literatura e as opções metodológicas adotadas aqui, bem como para a obra de um dos maiores poetas brasileiros, de que pouco se diz sobre a temática religiosa em sua vida e obra. Por fim, a terceira parte é dedicada ao debate teológico e àqueles que se sentem chamados a oferecer espaços de acolhimento às inquietações contemporâneas de não poucas pessoas ainda em busca de sentido em suas tradições religiosas, especificamente do catolicismo contemporâneo, ou, dito de outro, aos que pretendem fazer teologia na fronteira.

Com isto, apresento então a obra para melhor ajudar o leitor a fazer sua opção sequencial de leitura. No capítulo 1, «Busca de sentido e natureza poética da espiritualidade não religiosa», como aceno acima, se dedicou a uma ulterior reflexão teórica sobre a busca de sentido, sendo este o elemento fundamental para o que irá se chamar de fenômeno da espiritualidade dos sem-religião, ou ainda da espiritualidade não religiosa, e mesmo para a classificação de uma espiritualidade contemporânea, tal qual proposto por autores como Viktor Frankl, Robert Solomon, Marià Corbí e André Comte-Sponville. Estes identificam e tematizam tal fenômeno contemporâneo no cenário europeu de secularização, porém não exatamente o da busca por espiritualidade ou ainda da busca pela significância no modo de ser, nomeadamente em seu sentir, pensar e agir. O modo como tais autores se referem, não raro, à questão do papel da literatura em geral, e da poesia em particular, me levou a procurar em um autor insuspeito de ser acusado de religioso elementos que pudessem ajudar a pensar essa natureza poética da espiritualidade, desde a correlação que Jean-Paul Sartre faz entre o místico e o poeta.

O capítulo 2, «Questões metodológicas no diálogo entre teologia e literatura», ajudará a pensar sobre questões epistemológicas para analisar a natureza poética da espiritualidade não religiosa presente na obra de Carlos Drummond de Andrade. Aí se encontra, portanto, um breve resumo a respeito do debate epistemológico sobre teologia e literatura, em que vale a fórmula calcedoniana de uma «unidade sem confusão», ou seja, sem que se estabeleça qualquer forma de relação ancilar de uma área sobre a outra, mas se identifique a contribuição interdisciplinar da pesquisa. Tanto é verdade que a teologia não continua a mesma a partir de seu contato com a literatura, bem como a literatura melhor compreende precisões antropológicas de certos autores a partir de suas respectivas matrizes de pensamento teológico.

Ainda que os olhares de aproximação dos *sujeitos epistêmicos* sejam diferenciados, comungam de um mesmo *objeto* de análise, a saber, o antropológico presente na obra literária. É de um sentimento de responsabilidade com o ser humano que nasce essa relação interdisciplinar entre teologia e literatura, o de procurar melhor entendê-lo. Assim, mesmo que cada área continue a mesma, também é verdade que não permanecem do mesmo modo, sem que para isso seja necessário que a teologia *batize* a literatura, ou que esta desabone os pressupostos da teologia para ser autêntica. O propósito de ambas é um só: a vida com toda a sua complexidade. O conhecimento possível desta relação se entrevê como num arrebol, de uma visão ímpar que só se realiza quando sol e noite por um momento se tocam antes de retornarem ao seu próprio ciclo. Muitas são estas formas de arrebol teológico-literário. A proposta aqui será a do diálogo entre a antropologia literária e a antropologia teológica, sobretudo o *homo patiens* do eu poético da obra e como essa expressão afetiva carrega em si uma carga teológica que se apresenta como desafio, sobretudo, porque não existe a necessidade de afirmar um *sentido absoluto*, para que possa ocorrer a busca de um *sentido* concreto e particular, no qual se desvela uma densidade de sentido que aponta para a transcendência.

O capítulo 3, «A trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade», diz respeito à análise da vida e obra do autor. Procura-se identificar uma antropologia da poética drummondiana pela característica autobiográfica, mas também por servir de retrato de seu tempo, com características básicas da individualidade moderna. A perspectiva da relação biobibliográfica procura captar o pensamento poético drummondiano, especialmente nas categorias *pathos* e *poiesis*. O interesse pela biografia aqui, portanto, não se reduz a contextualização histórica, mas também se procura auscultar o *pathos*, aquilo que afeta a vida do autor e que provoca a sua bibliografia, ou seja, sua *poiesis*, como modo de elaborar aquilo pelo que é afetado na sua existência. Nessa proposta, seu registo literário é expressão de uma *poesia existencial*, em que o poético se manifesta como exercício apropriado de uma mudança qualificada, que altera o modo de ser naquilo que o afeta, a partir de um *sentido* que possa dar nova razão de viver, uma produção significativa e autoral de subjetividade. Há nessa poética drummondiana um elemento que assume um papel de especial relevância para a percepção do *sentido* drummondiano: a *paixão*. Ela é indicativa de um sentido para a vida, como fenômeno de identificação pelo «que» (*quid*) se apaixona, e a partir dela é que Deus é recusado, não por uma rebeldia pecaminosa, como seria comum à época acusar, mas por um sentimento ético

que não combina com o Deus apresentado. É a partir dessas duas categorias, a de um *logos apaixonado* da poesia e a imagem clássica de Deus, dentro da questão do *sentido* de ser humano, que se abre o desafio à teologia: um Deus apático que impõe Sua vontade é desumano e não serve para a vida, pois em Drummond é a paixão que nos ajuda a encontrar um sentido para viver, como sentimento de comunhão com essa vida. Há ainda um agravante, pois o poeta como ser errante pode adquirir consciência de sua parcela de desumanidade e *mudar*, já um Deus que não muda não tem salvação, e por isso é melhor deixá-lo.

Por fim, o capítulo 4, «Recuperar a lógica poética da Revelação», em como a questão da interioridade e afetividade (*pathos*) é fundamental para as mudanças todas da teologia contemporânea. Nesse movimento se insere a proposta de uma *teopatodiceia* como possibilidade de razão hermenêutica decorrente de processos de produção de subjetividade. Aqui se abre a possibilidade de um pensamento poético teológico como *poiesis* da *práxis* que deve procurar o desdobramento hermenêutico unindo criatividade do próprio labor diante do fatídico, ao mesmo tempo que é fiel à experiência do *pathos*. Fidelidade àquilo que lhe provocou um sentido profundo de existir e criatividade para aprofundar esse sentido na própria vida constituem aqui o substrato antropológico de uma experiência religiosa como experiência de paixão e doadora de um sentido da vida. Experiência de sentido, essa, entendida na busca do *humano do humano*, em que pese a poesia em ser uma expressão externa de um processo muito mais profundo e interno da reinvenção de si mesmo. Não se pode pensar em um projeto poético teológico como ato segundo sem dar a devida atenção aos processos de produção de subjetividade que estão implicados na experiência religiosa, bem como a sua razão de recusa que se desdobra em uma espiritualidade não religiosa, ambas expressões de busca de sentido. Tal distinção das formas pode ajudar a qualificar ambos os fenômenos.

O diálogo entre teologia e literatura é naturalmente distinto do modelo tradicional de se fazer teologia, porque tem em vista reinventar a linguagem teológica, e reconhecer uma legítima pluralidade que deseja superar uma cultura de litígio fomentada, infelizmente, não raro, dentro da própria comunidade teológica. A chamada *veritas*, na autêntica tradição teológica medieval, não se buscava por uma violência retórica, mas por sua capacidade de encantar, e assim desvelar a nós mesmos quem somos. Aqui o teólogo não é «mestre da verdade», mas, junto com o poeta, se descobrem como servos da busca, em que a verdade pede sua veracidade, que não fala senão ao profundo do coração. Toda diferença que procura alcançar o coração humano

para humanizá-lo não é adversária, mas companheira de caminhada, alguém a ser ouvido, como também aquele que oferece os ouvidos. Uma voz insuspeita pode corroborar para o desejo de comunhão e honestidade intelectual diante do desafio de uma mudança de época, de ressignificar o sentido das coisas²:

Hoje, é verdade, também entre os teólogos de mentalidade inteiramente eclesial existe a suspeita de que uma teologia ortodoxa estaria condenada a simplesmente repetir decisões doutrinárias e fórmulas tradicionais [...] de tal maneira que já não encontramos ar para respirar. Também entre os teólogos que aceitam a ortodoxia existem muitos espíritos pequenos, que apenas repetem o passado. [...] o pluralismo só é grande quando voltado para a unidade.

Ao se pensar em tradição teológica, a ênfase demasiada na fidelidade pode resultar em esterilidade do pensamento, assim como a criatividade sem consciência histórica pode ser insuficiente para provocar uma ruptura instauradora de caminhos que nos desvencilhem de nossos pontos cegos de percepção. A criatividade pela criatividade pode não passar de mero modismo. Entretanto, fidelidade e criatividade permeiam a trajetória tanto da poesia como das teologias mais profundas, e só são possíveis na relação intrínseca que se estabelece entre a vida e um sentido nela descoberto, pois se *reinventa* a vida a partir da *fidelidade a este sentido* descoberto que se torna o caminho próprio a ser percorrido como *projeto* de sentido.

² Ratzinger, J. *Natureza e Missão da Teologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, pp. 82-84.

1

Busca de sentido e natureza poética da espiritualidade não religiosa

A questão das chamadas espiritualidades não religiosas é um fenômeno amplo, crescente e que começa a ganhar consistência teórica. A expressão «espiritualidade não religiosa», ou «espiritualidade dos ‘sem-religião’», pode, por vezes, não fazer jus à complexidade do agrupamento, que atinge a cifra de 15 milhões de pessoas, no caso do Brasil, e corresponde a 8,0% da população segundo o censo de 2010¹. Isso é bem mais que a população de todo o país de Portugal no mesmo período, que atingia seus 10,5 milhões de portugueses². Vale dizer que no uso da expressão não há uma distinção clara entre religião e Igreja ou instituição religiosa³, havendo diversas classificações subgrupais como os «sem-religião»: sincréticos, por circularem livremente em várias tradições religiosas sem estabelecer vínculo com quaisquer instituições; em trânsito religioso ou aqueles que abandonaram uma religião e ficam «sem-religião» até se identificarem com uma nova confissão, podendo mesmo participar de duas ou mais confissões neste interim; céticos, que diz respeito a um desinteresse e desencanto em relação à instituição religiosa, podendo ser o efeito de experiências de mobilidade religiosa; agnósticos, constituídos pela recusa de uma forma nominal inteligível de Deus, ou ainda como crentes apenas em Deus, dispensando demais símbolos ou doutrinas religiosas; e, por fim, ateus, não

¹ IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Dados do censo de 2010. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?>> Acesso em: 2 de maio de 2014.

² INE — Instituto Nacional de Estatística, I. P. Estatísticas Demográficas 2010. Lisboa, 2012, p. 7.

³ Luckmann, T. *A Religião Invisível*. São Paulo: Edições Loyola/Olho d'água, 2014, pp. 39-48.

somente sem religião, mas sem crença em Deus⁴. Estes dois últimos subgrupos correspondem ao menor percentual dos «sem-religião» no Brasil, sendo ambos representados em 0,4%, ou seja, 763 mil pessoas⁵.

Assim, no caso brasileiro, o substrato semântico do termo «sem-religião» contempla mais expressivamente um caráter anti-institucional do que uma recusa religiosa. Deste modo, a «espiritualidade não religiosa» diria respeito, na verdade, à *espiritualidade sem vínculo institucional*, ou ainda como *espiritualidade sem Igreja* ou *apesar da Igreja*, quer seja por não adesão, ou por ruptura/trânsito institucional. Dito desta maneira, no cenário brasileiro há pouca incidência de uma espiritualidade laica *stricto sensu*, prevalecendo a busca pelo espiritual, entendida, porém, com uma postura crítica ao *modus operandi* das instituições religiosas, principalmente pelo ato de desligamento. Mais bem tipificados, os «sem religião» em sua maioria são advindos do catolicismo⁶, e o período de maior evasão na Igreja Católica, ao menos como constatado pelo IBGE, se dá entre os anos de 1991 e 2000, em que se registra um aumento de 2,5 pontos percentuais (de 4,8% para 7,3%) em relação ao crescimento de 0,7% entre 2000 e 2010. Já entre os evangélicos, o percentual de desvinculação institucional cresceu de 4% para 14% entre os anos de 2003 e 2009, totalizando 4 milhões de brasileiros⁷. Em ambos os casos, e quais sejam as classificações subgrupais, há um descontentamento institucional como fator preponderante.

Vale destacar, contudo, que em meio aos «sem-religião» é possível encontrar uma «cultura secular», ou, mais propriamente dito, em meio à população universitária, enquanto é constituída de um grupo que se caracteriza por um «distanciamento crítico», onde a religião é vista como uma entre outras agências de sentido, sem que necessariamente diga respeito a uma conformidade institucional no modo de vivenciá-la, sendo mais adequado falar de fé ou religiosidade ao invés de um vínculo maior com uma religião institucional, quando

⁴ Villasenor, R. L. «As práticas religiosas dos ‘Sem Religião’ nas comunidades virtuais», in *Cadernos IHU*, ano 11, n.º 45, São Leopoldo, 2013, pp. 37-60.

⁵ Ribeiro, J. C. «Sem-religião no Brasil, dois estranhos sob o guarda-chuva», in *Cadernos IHU Ideias*, ano 11, n.º 198, São Leopoldo, 2013, p. 6.

⁶ *Ibid.*, p. 3.

⁷ Gois, A.; Schwartzman, H. «Cresce o número de evangélicos sem ligação com igrejas» in *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 de agosto de 2011.

Sobre o autor

Alex Villas Boas é coordenador executivo e investigador principal do CITER — Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa (UCP). Professor de Hermenêutica de Textos Religiosos no Mestrado de Ciências Religiosas, e de Teologia e Literatura no Doutoramento em Teologia. Livre-docente em Ética e Linguagem Teológica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente coordena o projeto internacional «Casa Comum e novos modos de habitar interculturalmente», envolvendo 11 países. Colabora em outros projetos de investigação nas seguintes instituições: Universidade de Aveiro (Portugal), Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Universidade Estadual de Campinas — Unicamp (Brasil), Universidade Católica de Moçambique, Université Laval (Canadá), Universidad Nacional Arturo Jauretche (Argentina). Foi editor-chefe da *Teoliterária* — *Revista de Literaturas e Teologias* (2011-2021).

Outros títulos nesta coleção

A Religião no Espaço Público Português

Helena Vilaça e Maria João Oliveira

A Teologia Ficcional de José Saramago

Marcio Cappelli

Livro, Texto e Autoridade

Rita Mendonça Leite

Génese e Institucionalização de Uma Experiência Eremítica Da «Pobre Vida» à Congregação da Serra de Ossa (1366-1510)

João Luís Inglês Fontes

A coleção Estudos de Religião, coordenada pelo Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa, acolhe estudos e ensaios multidisciplinares sobre as religiões e as dimensões religiosas da cultura. Além de estar aberta à interpretação de textos religiosos e teológicos, visa melhor compreender as mundiviciências, identidades e dinâmicas sociais no campo religioso, promover o estudo das práticas, das mediações e da memória religiosa das sociedades, bem como analisar as teorias da religião.

A publicação do livro de Alex Villas Boas é uma boa notícia — literalmente, no sentido evangélico — para as letras e a teologia. Ambas as áreas do saber que se vêm entrelaçando e fazendo fecunda interface em crescente ritmo e sempre mais constitutiva forma ganham com o trabalho deste jovem teólogo, rigoroso e exigente, ao mesmo tempo que sensível e apaixonado pela beleza e pela arte das palavras.

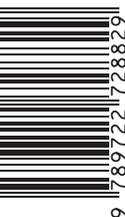
O poeta escolhido não podia ser maior: Drummond. Ao mesmo tempo, dificilmente poderia ser mais «estrangeiro» no terreno teológico. Drummond mantinha em relação à fé uma confessada distância. Mais instigante se torna, portanto, o desafio de fazer sua obra objeto da reflexão teológica. E parecemos que o autor o consegue brilhantemente.

Em primeiro lugar, pela temática escolhida: o sentido da vida. Tópico que vem instigando desde sempre filósofos e teólogos e que, nos tempos que vivemos, de pós-modernidade líquida e consumista, adquire sempre maior importância. A poesia profunda de Drummond vai mostrar-se como terreno fértil para o teólogo que é Alex mergulhar as raízes de sua reflexão sobre esse sentido que faz a experiência da fé ir mais além de simplesmente a experiência do sagrado que muitas vezes abunda hoje em dia.

Em segundo lugar, pelo nome com que este sentido é nomeado pelo autor a partir do poeta Drummond: a paixão. Centro de atenção e interesse de muitos ilustres teólogos contemporâneos, o *pathos* por Deus que gera a mística por um lado e a práxis pelo outro será o modo como Alex Villas Boas «nomeará» o sentido perseguido e encontrado na obra drummondiana.

Trazendo à luz a imbricação da *teologia do pathos* com a *teologia da práxis*, o livro de Alex vai aterrissar teologia e poesia no solo da vida, na realidade que é a nossa aqui e agora, tornando realidade o desejo de ambas por uma nova humanidade.

Maria Clara Lucchetti Bingemer



CATOLICA
CITER · CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
EM TEOLOGIA E ESTUDOS DE RELIGIÃO